

A Poesia de Sílvio Caldas

Joaquim Sílvio Caldas é o nome do poeta, músico, filósofo, periodista, sergipano de nascimento, pernambucano de reminiscências e potiguar de coração.

Apresentá-lo como poeta já diz tudo, já que é a poesia o elemento imaterial que eleva o homem para a sua incompletude e o torna um ser da totalidade.

Além de poeta Sílvio é juiz do trabalho. No dizer de Diógenes Cunha Lima, Sílvio exerce a sua função de magistrado com talento, simplicidade e com muita crença na Justiça.

Sílvio destila a sua sensibilidade de poeta com o seu jeito inteligentemente simples de falar e poderosamente rico de refletir sobre a condição humana. Arrebatam-lhe os impulsos de escrever e de expressar os sentimentos mais nobres, a exemplo da homenagem que prestou a todos os pais quando publicou o seu livro Conselho de pai.

Sílvio, apesar de ter uma trajetória de luta e de sacrifício, foi brindado com a dádiva de nascer numa família virtuosa, tendo o privilégio de receber as mais sábias lições do seu querido pai e renomado professor recifense Joaquim Caldas.

Referindo-se ao nosso poeta, dizia outrora o magistral Odúlio Botelho: “Sílvio amou tantos amores que nunca mais deixou de amar a vida, o mundo, a música, os amigos, a magistratura e a justiça.”

O nosso autor escreveu os seguintes livros: Enquanto houver uma flor; Conselhos de pai; A construção do Brasil; e Rio Grande do Norte, eu, cidadão.

De tantas lições que o nosso poeta deixa, uma delas ficará marcada para sempre: “Escrever deixa a vida menos dura”

A seguir algumas poesias do nosso homenageado.

A REDE

Quando embalo a minha rede,
imagino que a parede
é quem vai e é quem vem:
dando asas ao meu peito,
ressonho o sonho desfeito,
penso logo no meu bem;

meu bem que lembra a parede,
que quando me embalo na rede,
penso que ela é quem vem.
Assim, sonhando acordado,
de repente, ensimesmado,
vejo que não há ninguém,

pois quando a rede embala,
é ela que lá na sala
vai e vem, e vem e vai;
porém neste vai e vem,
a rede não traz ninguém,
porque do canto não sai.

Somente a imaginação
engana o meu coração
quando na rede me embalo;
por isso, perco meu sono,
e pior do que cão sem dono
o nome dela não falo.

PRECISO DE ALGUÉM

Preciso de alguém
de quem eu possa me orgulhar
e amar com todas as forças
do meu coração.

Preciso de alguém
que, mesmo não sendo jovem,
seja linda,
para que eu possa

com vaidade
conservar essa união.
Preciso de alguém
que seja responsável,
que seja amável,
para que renasça em meu ser,
com toda intensidade,
a vontade de viver.

Preciso de alguém
que assim como eu haja sofrido,
por haver vivido,
assim como eu vivi,
a desdita de um amor
pobre e vencido.

Preciso de alguém
por quem eu me orgulhe em dar a vida,
e que na partida,
chorando simplesmente de saudade
eu possa atestar de corpo e alma
o meu amor/verdade.

Preciso de alguém
em cujas veias corra sangue nobre,
e que, embora pobre
me faça o mais rico dos mortais,
escravo e liberto ao mesmo tempo,
ou simplesmente escravo
e nada mais.

Preciso de alguém
a quem eu me dedique por inteiro
- único roteiro
do que restou do EU despedaçado.
Enfim, preciso de alguém
assim como você, Anjo Dourado!

O VERDADEIRO AMOR

(Valsa)

Deixei de te amar,
deixei de te sentir,
não hei de te enganar,
é hora de partir;
jamais esquecerei
a tua ingratidão,
sofri e sofrerei
na minha solidão...

Sozinho hei de enfrentar
a dor de estar sem ti,
mas hei de suportar,
pois sei também fingir,
feliz jamais serei,
murchou meu coração,
porém eu te direi
nesta canção:

O verdadeiro amor
perdoa quem o faz sofrer;
o verdadeiro amor
perdoa a quem o fez chorar;
o verdadeiro amor
procura as mágoas esquecer;
o verdadeiro amor
procura jamais naufragar;
o verdadeiro amor
não tem mancha no coração,
jamais guarda rancor,
pois vive na ilusão
de um dia reatar
a antiga união....
o verdadeiro amor,
enfim é ilusão.

O CARNAVAL E A VIDA

Lá vai meu bloco:
a fantasia,
a alegria,
a alegoria
do carnaval.

Lá vai meu bloco:
- quanta ladeira,
quanta poeira,
oh quarta-feira
do carnaval!

Assim é a vida:
pura mentira
de quem delira,
de quem se atira
a um carnaval.

O bloco passa,
oh desenganos,
somam-se os anos,
só ficam os danos
do carnaval...